

Flash mob trouxe guerra de almofadas ao Bairro Novo

Sábado passado, Bairro Novo, frente ao Edifício Portugal. 18h00 em ponto. Soa um apito. Sem se perceber bem porquê, abrem-se mochilas, retiram-se almofadas e começa uma guerra. Pacífica, claro está.

Cinco minutos depois, volta a ouvir-se o apito, avisando que tudo terminou. Os cerca de 70 geocachers e amigos juntam-se para uma foto “em família” para assinalar a iniciativa que aconteceu precisamente à mesma hora em 52 cidades de 21 países. Mais cinco minutos e tudo voltou à normalidade.

“O que se passou aqui?” – perguntavam diversos muggers (pessoas de fora). Tratou-se apenas da sexta edição de uma “World Wide Flash Mob Event”, ou seja, dezenas de eventos que acontecem um pouco por todo o mundo no mesmo dia e à mesma hora, por vezes para divulgação de determinada causa. As flash mobs, o oposto aos mega-eventos, são dinamizadas por geocachers e divulgadas sem grandes aparatos nesta comunidade que reúne cerca de 943.109 elementos em todo o mundo.

A edição deste ano, nesta cidade, foi “organizada” por Paulo Simões, geocacher há cerca de um ano. Fica a promessa de nova guerra de almofadas para o próximo ano. Num lugar perto de si. Basta estar atento.



O geocacher Paulo Simões foi um organizadores da flash mob que aconteceu no Bairro Novo



GEOCACHERS: OS NOVOS CAÇADORES DE TESOUROS

O GEOCACHING PODE SER EXPLICADO, DE FORMA RESUMIDA, COMO UMA CAÇA AO TESOURO COM RECURSO À ALTA TECNOLOGIA, PRATICADA EM TODO O MUNDO POR AVENTUREIROS EQUIPADOS COM APARELHOS DE GPS.

A IDEIA É LOCALIZAR “CONTENTORES” ESCONDIDOS, DENOMINADOS GEOCACHES, QUE PODEM ESTAR EM QUALQUER PONTO DO MUNDO. DEPOIS, HÁ QUE PARTILHAR ESSA EXPERIÊNCIA ATRAVÉS DA INTERNET.

O GEOCACHING É PRATICADO POR PESSOAS DE TODAS AS IDADES, QUE ADOPTAM NICKS (ALCUNHAS) E TÊM UM FORTE SENTIMENTO COMUNITÁRIO E PREOCUPAÇÃO AMBIENTAL.

rões. A família Teixeira tem a sua cache junto à Capela de Reveles (concelho de Montemor-o-Velho).

Do concelho da Figueira da Foz encontram-se oficialmente registados perto de duas dezenas de geocachers que em diversas freguesias esconderam tesouros. Imagens, comentários, lembranças, informações históricas e patrimoniais são apenas alguns das “riquezas” que podem ser encontradas e partilhadas através deste movimento que cresce a cada dia.

São aproximadamente 68 caches no concelho, distribuídas pelas freguesias de S. Julião, Buarcos, Quiaios, Alhadas, Moinhos da Gândara, Maiorca, Santana, Vila Verde, Tavadere, S. Pedro, Lavos, Alqueidão, Paião e Bom Sucesso.



O figueirense Luís Teixeira a fazer uma “Earth Cache” em Tenerife



Exemplo de uma das 68 cache escondida

DIVULGAR O CONCELHO E O PAÍS

Luís Teixeira e o seu filho Afonso são geocachers oficialmente registados há sensivelmente três anos.

Os pequenos tesouros que escondem – e que encontram – têm levado pai e filho a percorrer todo o território nacional e algum do espanhol. “Já fomos do Algarve ao Minho, mas também já estivemos na Galiza, Canárias e Tenerife”, conta ao nosso jornal Luís Teixeira explicando que o geocaching “é também uma forma de dar a conhecer as nossas riquezas naturais e patrimoniais, locais e nacionais, a portugueses mas também a um considerável número de geo-

cachers estrangeiros”.

Luís e Afonso têm escondidas caches essencialmente “em locais com história”, caso do Forte de Santa Catarina, Paço de Tavadere, Palácio Sotomayor, Paço de Maiorca, Dólmen das Carniçosas e Castro de Santa Olaia, entre outros locais.

A dupla dá o seu contributo ao projecto nacional intitulado “Lusitânia”, que comporta 30 caches escondidas em 30 regiões do nut III (Baixo Mondego). Cada cache tem um código especial e que, depois de reunidas, darão as coordenadas de uma cache final, escondida na zona de Guima-



Perto de duas dezenas de geocachers esconderam pelo concelho da Figueira da Foz 68 caches